



Texto para Discussão 020 | 2021

Discussion Paper 020 | 2021

Interpretações e Argumentos acerca da chamada “Guerra Fria 2.0”

Daniel Barreiros

Doutor em História Social pela UFF

Professor Associado do Instituto de Economia da UFRJ

Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ

Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ

daniel.barreiros@ie.ufrj.br

Pável Lavrenthiv Grass

Doutorando em Economia Política Internacional (UFRJ)

pavel.grass@pepi.ie.ufrj.br

This paper can be downloaded without charge from

<https://www.ie.ufrj.br/publicacoes-j/textos-para-discussao.html>

Interpretações e Argumentos acerca da chamada “Guerra Fria 2.0”

Junho, 2021

Daniel Barreiros

Doutor em História Social pela UFF

Professor Associado do Instituto de Economia da UFRJ

Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ

Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ

daniel.barreiros@ie.ufrj.br

Pável Lavrenthiv Grass

Doutorando em Economia Política Internacional (UFRJ)

pavel.grass@pepi.ie.ufrj.br

Introdução

Objetivamos com esse artigo analisar a relação entre alguns dos mais recentes acontecimentos de caráter geopolítico no cenário global e o conceito de “Guerra Fria 2.0”. Levando-se em consideração que a Guerra Fria em sua acepção convencional foi um evento de caráter geopolítico que se encerrou entre 1989 e 1991, seria possível falar em uma Segunda Guerra Fria atualmente? Quais seriam as suas características principais, e o que a distinguiria de sua análoga no século XX? Quais fenômenos podem ser acoplados e balizados nesse âmbito, e como caracterizar o período de transição entre a fase 1 e a fase 2? – supondo que se tratem de fases, afinal. Vivemos uma geopolítica Pós-Guerra Fria, ou sua lógica segue permeando as relações entre as grandes potências, só que com nova roupagem?

Sob o peso do esgarçamento da hegemonia norte-americana nos campos comercial, tecnológico e militar (Hendrikson, 2005; Wallerstein, 2009), e da ascensão econômica, tecnológica e militar de Rússia e China (Hall, 2013), imagina-se que as relações entre Washington e Moscou na última década voltaram ao passado, após a estridente euforia liberal-globalizante durante os anos 1990 (Stiglitz, 2003). As sanções e o confronto indireto estão cada vez mais presentes na pauta dos noticiários. Observa-se que tais relações de fato estão superando a mera rivalidade, e caminhando em direção a um confronto aberto. O mundo parece ter voltado ao um estado de instabilidade psicosocial permanente, incerteza e medo em relação ao seu próprio futuro.

A Guerra Fria pode ser interpretada, propriamente, como um conflito de caráter político, ideológico e econômico, mas não diretamente militar, entre dois campos ou grupo de países, historicamente representados pelos blocos socialista e capitalista. Tal confrontação ideológica iniciou-se, formalmente, após a Segunda Guerra Mundial, da qual URSS e EUA saíram vitoriosos. A URSS, com grande prestígio militar e seu Exército Vermelho, libertou quase toda a Europa sob ocupação nazista e chegou até Berlim. Naturalmente esses fixaram posições de influência sobre toda a área geográfica libertada e devastada (Schlesinger, 1967).

Formalmente, a data que marca o início de tal confronto indireto entre as duas superpotências diz respeito ao discurso do então presidente americano Harry Truman,

realizado em 1947 perante o Congresso americano, requerendo aumento de verbas para iniciar o chamado *Plano Marshall*, de apoio e reconstrução da infraestrutura econômica dos países do Oeste Europeu (Truman, 1947). O objetivo principal consistia em barrar a influência socialista e soviética nessa faixa geográfica. Em contrapartida os soviéticos elaboraram o chamado *Plano Molotov* para apoiar os países europeus sob sua influência no Leste Europeu, na reconstrução de sua infraestrutura econômica (Berger, 1948).

De forma geral, dentre as principais características da Guerra Fria, é possível distinguir algumas: 1) corrida armamentista, com investimentos significativos feitos por americanos e soviéticos na elaboração e produção de armas, munições e foguetes em larga escala (Hoffman, 2009); 2) corrida espacial, desenvolvimento tecnológico e a disputa pelo espaço (Dolman, 2002); 3) interferência estrangeira, direta ou indiretamente, em países considerados estratégicos geopoliticamente na Ásia, África e América Latina; 4) formação de blocos econômicos (União Europeia e Comecon); 5) formação de blocos militares (OTAN e Pacto de Varsóvia). Seria possível supor que tais fatos, de impacto planetário, passaram a influenciar rotas comerciais, fluxos financeiros, conflitos regionais armados, milhões de vidas; bem como o desenvolvimento de todo um aparato ideológico-mental, teórico e constitucional nos princípios e práticas diplomáticas de relações internacionais de quase todos os países do mundo. As pesadas instituições da Guerra Fria, com seus sistemas de pesos e contrapesos, de redes de apoio e equilíbrio financeiro, político-militar e psicossocial, não poderiam deixar de existir em curto espaço de tempo.

Por outro lado, a aparente dissolução do arcabouço institucional que fundamentou a Guerra Fria ao final do século XX parece radical se considerarmos o conjunto de eventos e conjunturas que se deram com fim do Pacto de Varsóvia e o retorno das forças militares ex-soviéticas de volta aos seus territórios de origem. No que diz respeito à Europa Oriental, no final dos anos 1980, nos territórios da Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Tchecoslováquia, os soviéticos chegaram a dispor de cerca de meio milhão de soldados (sem contar centenas de milhares de civis), de mais de 9.000 tanques, de cerca de 5.800 peças de artilharia, 12.000 veículos de combate, 1.700 aeronaves militares, 700 helicópteros e sistemas operacionais-táticos de mísseis (Morkovkin, 2020).

Mas, sob a liderança de Mikhail Gorbachev e agindo no espírito da “Perestroika”, com o vetor da política externa voltado para o desarmamento e para a normalização das relações

com o Ocidente, o Estado soviético decidiu “acatar” aos pedidos de seus aliados de retirada das tropas de seus territórios. De tal forma, no período entre 1989 e 1990, iniciaram-se discussões individuais com cada país sobre as condições gerais desse processo (Grachev, 2018). A retirada desse expressivo número de soldados e civis se tornou um processo geopolítico sem precedentes na História recente, e configurou o maior deslocamento e redistribuição de militares, civis e equipamentos desde a Segunda Grande Guerra. A retirada das tropas da Alemanha foi exaustiva e logisticamente complexa, uma operação que durou até 1994.

Na Alemanha reunificada, ao contrário, havia clima de comemoração e expectativas de uma nova conjuntura política (Narinskiy, 2015). Quando o último grupamento de tanques deixou o país, foi celebrado um ato solene, no dia 31 de agosto de 1994, no Parque Treptow (próximo do monumento ao soldado-libertador soviético), com a presença do então presidente russo Boris Yeltsin e do chanceler alemão Helmut Kohl. A cerimônia, com coroas de flores, foi realizada por soldados da *Bundeswehr* e do Exército russo. Era o fim real e simbólico da Organização do Pacto de Varsóvia. Simbólicas também foram as palavras do General Burlakov sobre essa grande retirada das tropas soviéticas da Alemanha:

“Durante quarenta e nove anos com nossas tropas na Alemanha, nunca assustamos ninguém, mas também não tínhamos medo de ninguém. Como grupo mais poderoso das Forças Armadas soviéticas e russas, o Grupo Ocidental cumpriu honestamente sua missão histórica de garantir a paz e a estabilidade na Europa. Ainda não se sabe como a ordem mundial do pós-guerra teria se desenvolvido, não fosse pelas tropas soviéticas na Alemanha, Tchecoslováquia, Hungria e Polônia” (Morkovkin, 2020).

A retirada total das forças militares soviéticas/russas da Europa Oriental é considerada, até hoje, uma ação geopolítica contraditória, que gera discussões entre especialistas e juristas. Por que Gorbachev não exigiu um acordo formal sobre o futuro *status* dessa região, que deveria continuar neutra, sem a expansão da OTAN para o Leste? (Sarotte, 2010). Vladimir Zhirinovskiy, parlamentar da Duma russa, avaliou, em 4 de dezembro de 2019, que a decisão da URSS de retirar as tropas soviéticas da Europa Oriental foi um

erro grave e que teve consequências extremamente negativas para todo o mundo. Em suas palavras:

Se Gorbachev não tivesse retirado o grupo de tropas soviéticas da RDA, não teria havido guerra na Iugoslávia, não teria havido necessidade de lutar no Iraque, Síria, não teria havido guerra na Ucrânia. Seria muito mais calmo na Europa e no Oriente Médio. Isso é o que os comunistas fizeram (Partido Liberal Democrata Russo, 2019).

A figura em si de Mikhail Gorbachev é contraditória e gera discussões calorosas na Rússia até hoje. Teria Gorbachev permitido que a máquina burocrática soviética implodisse internamente? É nesse contexto, segundo Gamble (2006: 20) que se constrói a hegemonia discursiva neoliberal, não por coincidência, após o colapso da ideologia comunista na Rússia (desmantelamento da URSS). Segundo Arrighi (2010), observou-se um relativo esgotamento da hegemonia americana no contexto do colapso do padrão de câmbio ouro-dólar e a derrota dos EUA na guerra do Vietnã. Entretanto, já na década seguinte (1980), foi a vez da URSS demonstrar claros sinais de perda de poder e influência ideológica através da ascensão do neoliberalismo encabeçados por Ronald Reagan e Margareth Thatcher.

Na opinião de Sargent (2013) os eventos históricos da década de 1970 predefiniram o fim da Guerra Fria no final da década de 1980, sendo que tais transformações da economia mundial liberal tornaram visível o atraso da economia soviética (Segrillo, 2000), o que foi decisivo para legitimidade do regime e da ideologia comunista. Nesse sentido, Gontijo (2020) aponta que apenas após a desintegração da URSS se tornou possível, de fato, a retomada da hegemonia americana, marcando uma nova era geopolítica, a negação do nacional desenvolvimentismo, bem como o fortalecimento da ideologia neoliberal e do dólar.

Assistiu-se a um curto período de transição entre o final da Guerra Fria (desmantelamento da URSS e a invasão do Iraque em 1991) e o início da Guerra Fria 2.0 A hegemonia americana em seu primeiro ciclo durou praticamente 30 anos; desde seu esvaziamento nos anos 70, uma retomada ocorreu nos anos 80 (Tavares, 1998), para um novo período de enfraquecimento das competências hegemônicas desde a primeira década do século

XXI. Mas então, quais seriam tais sinais, emitidos pelos EUA, demonstrando mais uma vez o esmorecimento de suas capacidades hegemônicas?

A chamada “desordem mundial” iniciou-se com um ciclo de invasões internacionais, guerras por procuração e “revoluções coloridas”, guerras comerciais e sanções econômicas orquestradas pelos dirigentes americanos (Bandeira, 2013: 233-250). Ao longo do período de ascensão do neoliberalismo, continua Gontijo (2020), os EUA e seus parceiros mais próximos mantiveram-se submetidos à lógica da desindustrialização, o que permitiu, entre outros fenômenos, a emergência de novas potências industriais, em particular a China. O mesmo considera que a “era de desordem mundial” foi inaugurada pela invasão do Iraque em março de 2003, sendo continuada pela invasão do Afeganistão e a promoção das “revoluções coloridas” (Líbia, Síria, Egito, Tunísia, Ucrânia), bem como pelo uso unilateral da força militar, da subversão e do controle do petróleo.

No que diz respeito às movimentações cíclicas da hegemonia americana, pode-se apontar para a atual fase de recuo do potencial americano nos planos econômico e militar. Tal recuo desvenda um novo vácuo geopolítico¹ de poder no *mapa mundi*, que começou a ser preenchido por novos atores. A expansão norte-americana não poderia se dar infinitamente: surgiram limites e barreiras, sendo que parte desses limites foi criada pelos próprios norte-americanos. Inicia-se uma lenta, mas convicta reação da Rússia e uma ascensão econômica chinesa sem precedentes.

Assim, no que diz respeito à Rússia, houve substanciais mudanças estruturais em seu padrão de investimento e recuperação de cunho nacionalista no período de 1998 a 2008 (Desai, 2005). Segundo Serrano e Mazat (2013), após a crise de 1998, seguiram-se dez anos de crescimento contínuo, até 2008, com taxa média de crescimento do PIB de 6,9%. Tal retomada do crescimento econômico foi possível não somente devido às altas do preço do petróleo e gás, mas também a uma política de longo prazo e planejada por parte

¹ Tema abordado por Brzezinski (1993) em suas análises estratégicas do espaço pós-soviético, disputa geopolítica, onde não pode haver vácuo geopolítico temporário. A teoria do vácuo geopolítico caracteriza a forma de relações geopolíticas, quando todos os setores do espaço geográfico devem estar ocupados por alguém, ou controlados por alguém. Qualquer tipo de liberação ou mudança no nível de controle desses setores trará alguma movimentação de forças específicas na direção de ocupação desses setores liberados.

do Estado, dentre as quais pode-se destacar: 1) medidas de redução da vulnerabilidade externa; 2) mudança do regime cambial; 3) política de acumulação de reservas externas; 4) pagamento antecipado da dívida externa do setor público; 5) criação de fundos soberanos (Serrano, Mazat, 2013: 856).

Tais medidas possibilitaram redirecionar as receitas de exportações para a economia interna, o que, em consequência, viabilizou a capacidade de pagamentos de impostos e a retomada dos pagamentos monetários entre empresas, e do crédito privado. Houve a retomada dos gastos públicos e o pagamento de atrasados a funcionários e fornecedores (Serrano, Mazat, 2013: 859). Tais investimentos foram possíveis também no campo da *Base Logística de Defesa*² da Rússia.

Não por acaso, a partir de 2008, após a Guerra da Geórgia, inicia-se ampla reforma e reorganização das Forças Armadas russas, com programa de longo prazo para modernização de toda a sua frota naval, aérea e terrestre e mudanças estruturais de gestão e comando que possibilitaram, por sua vez, atingir, relativamente em curto espaço de tempo, nível de adestramento, capacidade de mobilidade e satisfação interna até então desconhecido (McNabb, 2017). Tornou-se possível o desenvolvimento de novos tipos de armas de defesa e ataque, novos foguetes hipersônicos com altíssima precisão de assertividade (Acton, 2015). Seria possível supor, então, que o início da “era de desordem mundial”, iniciada em 2003 (primeira fase passiva da Segunda Guerra Fria), representa também um novo momento de fragilização da hegemonia americana, e de contra-ataque russo e chinês, no processo denominado Guerra Fria 2.0.

² Base Logística de Defesa (BLD) “é o agregado de capacitações tecnológicas, materiais e humanas, necessárias para desenvolver e sustentar a expressão militar do poder, mas também profundamente envolvidas no desenvolvimento da capacidade e competitividade industrial do país como um todo” (Brick, 2011: 6).

A Guerra Fria 2.0

A chamada “Segunda Guerra Fria” é um termo atualmente utilizado por analistas e publicistas para caracterizar um novo estado de tensão política e militar entre forças geopolíticas opostas. Por um lado, aponta-se o bloco liderado por Rússia e China, e, por outro, o segundo bloco liderado pelos EUA com forte relevância da OTAN e da UE. O início, digamos, “formal” da chamada Segunda Guerra Fria pode ser considerado a crise política na Ucrânia em 2013–2014, com o retorno da Criméia ao território da Federação Russa (Bandeira, 2018: 355-372). Na sequência, foi iniciado o fortalecimento da presença militar dos EUA no Leste Europeu, incluindo aumento de exercícios militares da OTAN à margem das linhas de fronteira com a Rússia, o que, por sua vez influenciou as relações entre o Ocidente e a Rússia de forma muito negativa (Hansen, 2015; Pifer, 2017).

Outro evento marcante dessa fase é o início das operações militares das tropas russas na Síria (Averre; Davies, 2015), com rápido avanço por quase todo o território sírio³. Por outro lado, em 2017, houve a escalada de risco de conflito militar no Leste Asiático, quando a Coreia do Norte demonstrou, com sucesso, uma série de testes de mísseis balísticos intercontinentais (ICBMs). Na sequência os EUA aprovaram diversas sanções adicionais contra a Coreia do Norte. Em tal contexto, em 23 de abril de 2018, o próprio Secretário-Geral da ONU Antônio Guterres anunciou o início de uma nova Guerra Fria⁴.

Nesse contexto mostra-se sintomática a reação da OTAN aos exercícios militares russos realizados em abril desse ano no Sul da Rússia, na Criméia, no Mar Negro e Mar Cáspio, em resposta às manobras próximo à sua linha de fronteira. Os exercícios do programa *NATO Defender Europe 2021* constituíram a maior movimentação de tropas ocidentais

³ A participação da Rússia na Guerra da Síria possibilitou também a realização de testes de mais de 300 novas armas, com a presença e acompanhamento *in loco* de cientistas e técnicos de 76 grandes laboratórios e centros de pesquisa da Rússia Possibilitou ainda o adestramento de pilotos de caças em condições reais de guerra, bem como de oficiais de diversas áreas no desenvolvimento das táticas de ataque e defesa, gestão de logística e troca de experiência com os regimentos do exército sírio. Fonte: <https://tvzvezda.ru/news/20215211659-2C3az.html> Acesso em 24/05/2021.

⁴ RIA NOVOSTI. Fonte: <https://ria.ru/20180423/1519181166.html> Acesso em 02/05/2021

desde o fim da Guerra Fria. Como comentou o Ministro da Defesa da Federação Russa, Sergey Shoigu:

Atualmente, as tropas norte-americanas estão sendo transferidas das regiões continentais da América do Norte através do Atlântico à Europa. Está sendo realizado um deslocamento de tropas na Europa para perto das fronteiras russas. As forças principais se concentram nas regiões do mar Negro e do Báltico. No total, perto do território russo ficarão concentrados cerca de 40 mil militares e 15 mil unidades de armamento e equipamento militares, inclusive da aviação estratégica ⁵.

Parece então muito provável o confronto entre Rússia e o Ocidente, confronto esse que possuiria características distintas em relação a dita “primeira” Guerra Fria. Está ausente um conflito ideológico bem recortado; a Rússia de hoje não é um país socialista, e assim, sendo, é a categoria mais geral de “totalitarismo” que ocupa o espaço na narrativa ocidental para amalgamar numa só condição Rússia e China (Gessen, 2017). O tema rende uma discussão ampla, mas independentemente dela, nota-se a tentativa de criação de um discurso capaz de criar uma fratura ideológica clara entre os dois blocos, em parte emulando a clivagem entre democracia e autoritarismo que marcou o discurso ocidental (em especial norte-americano) na Primeira Guerra Mundial.

Rogov (2019) ⁶ enumera algumas características dessa nova Guerra Fria:

1. Propaganda agressiva, recíproca e em larga escala – tal como na “primeira” Guerra Fria –, com efeito na opinião pública e com a imagem do inimigo revivida, uma espécie de retorno ao início dos anos 1980 (teses na mídia americana sobre a intervenção política de Moscou, alegações de *cyberwarfare* por parte de agentes

⁵<https://br.sputniknews.com/russia/2021041317324648-russia-toma-medidas-em-resposta-a-atividade-militar-ameaçadora-da-otan-diz-ministro-da-defesa-russo/> Acesso em 02/05/2021.

⁶Sergey Rogov: Acadêmico russo, Diretor do Instituto dos EUA e Canadá da Academia Russa de Ciências.

- russos contra alvos no Ocidente, e alegações similares na imprensa russa direcionadas contra agentes ligados aos interesses norte-americanos, etc.);
2. Retomada da guerra econômica contra a Rússia. No final da Guerra fria se falava em integração da Rússia à economia global. Agora interesses ligados aos Estados Unidos buscam isolar o país (ressalta-se que o dano das sanções ocidentais é inferior a 1,5% do PIB para a economia nacional russa);
 3. Quase completa cessação dos contatos diplomáticos com os EUA e outros países ocidentais, o que afeta negativamente a posição russa ⁷;
 4. Nova corrida armamentista e o colapso do sistema de controle sobre armamentos. A estabilidade estratégica herdada da primeira Guerra Fria foi comprometida com a saída de Washington em 2002 do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (Tratado INF)⁸.

Estariam assim Rússia e China cooperando de modo a enfrentar os Estados Unidos em aparente fragilidade hegemônica por meio do consorciamento multilateral com outros parceiros que dispõem de agendas geopolíticas próprias, e que podem também beneficiar-se da proximidade com Moscou e Pequim? Os diversos blocos econômicos e político-militares que vêm sendo desenvolvidos e efetivados demonstrariam movimentações concretas neste sentido? Não são poucas as iniciativas capazes de serem enquadradas sob essa rubrica (de acordos de interesses mútuos para fomento de agendas geopolíticas multifacetadas):

1. União Econômica Euroasiática: acordo assinado em 29 de maio de 2014 pelos líderes da Bielorrússia, Cazaquistão Rússia e Armênia (em vigor desde 1 de janeiro de 2015), atualmente em fase de expansão, que tem como objetivo criar

⁷ Assim, a comissão presidencial “Rússia-EUA”, que tinha quase duas dezenas de grupos de trabalho, deixou de existir. O Conselho Rússia-OTAN reúne-se apenas duas vezes por ano, o que demonstra a óbvia formalidade da existência de uma estrutura tão importante. A expulsão de diplomatas, a apreensão de bens diplomáticos e a recusa de vistos também complicam o diálogo político. Na primeira Guerra Fria as regras do jogo eram mais respeitadas que atualmente.

⁸Felizmente os EUA aceitaram prolongar por mais cinco anos o Tratado de Limitação de Armas Estratégicas (START 3) que venceu em fevereiro de 2021.

um espaço econômico comum entre seus membros, com livre fluxo de mercadorias e mão de obra (Vinokurov, 2017);

2. Organização do Tratado de Segurança Coletiva: também conhecida como Organização do Tratado de Cooperação e Segurança ou simplesmente Tratado de Tashkent, é uma aliança militar intergovernamental assinada em 15 de maio de 1992, fundada por Rússia, Armênia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão (Nikitina, 2012);
3. Organização para Cooperação de Shangai: constituiu uma organização político, econômica e militar da Eurásia, fundada em 2001 em Xangai por líderes da China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão, com adesão mais recente de Índia e Paquistão. Com o objetivo de garantir segurança a seus membros (contra o que consideram “terrorismo” e “extremismo”) esse bloco também trata de questões sobre cooperação econômica (substituição do dólar como moeda de reserva e meio de pagamento internacional, e formação de um cartel de gás natural) (Alimov, 2018);
4. BRICS. Grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, fundado em 2009 (ampliado em 2011) com o objetivo concreto de fortalecer suas economias com maior autonomia em relação às instituições financeiras ocidentais (FMI e Banco Mundial). Daí a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (capital inicial de 100 bilhões de dólares) (Stuenkel, 2020).

Rogov (2019) salienta ainda que é sintomático o fato de a Guerra Fria 2.0 ocorrer num momento da história em que a Rússia não é uma superpotência econômica, ao contrário da União Soviética (PIB, população e outros parâmetros), mas continuar sendo uma superpotência nuclear. Desse modo, o resultado de uma nova Guerra fria poderá ser não apenas o esgotamento econômico, mas também uma guerra “quente”, com ameaça real após o colapso do Tratado INF (proibição do lançamento de mísseis terrestres com

alcance de 500 a 5.500 quilômetros)⁹. Os norte-americanos já testaram mísseis de cruzeiro Tomahawk baseados em solo, o que era proibido anteriormente. Em paralelo, os americanos estão criando uma nova geração de mísseis balísticos de médio alcance. Em resposta, o lado russo criou o incrível míssil “Kalibr” de velocidade hipersônica¹⁰.

É provável que os americanos iniciem a instalação de seus foguetes e mísseis de médio alcance em 2 ou 3 anos em bases asiáticas e europeias. Mas países aliados dos EUA, como Japão, Coreia do Sul e Austrália relutam em lançar esses mísseis a partir de seus territórios. Pode-se supor que grande parte dos países europeus também não deseje se tornar alvo para mísseis russos, apesar de haver grupos políticos contemporâneos com opinião diferente (nos Estados Bálticos e na Polônia). A militarização do continente europeu se tornará cada vez mais um risco real de grande conflito.

A situação na área de estabilidade estratégica parece estar de fato em crise profunda. Como apontam alguns analistas russos, observa-se o surgimento de uma situação de “vácuo de regras” no domínio das armas nucleares, havendo uma redução no chamado “limiar de uso” das mesmas. Karaganov e Suslov (2019: 4), entendem que a principal causa da crise atual é de natureza mais profunda e reside em uma “mudança fundamental no cenário estratégico-militar, que torna obsoleto o antigo entendimento de estabilidade estratégica e os mecanismos tradicionais de limitação de armas ineficazes”. Seria possível, então, apontar para as seguintes mudanças no cenário estratégico-militar (Karaganov; Suslov, 2019: 5):

1. Aquisição de volume grande de armas não nucleares (de alta precisão, mísseis não nucleares de longo alcance, sistemas de defesa de mísseis, armas espaciais anti-satélite, armas a laser, armas cibernéticas) com propriedades estratégicas, tornando tênue a linha entre as armas nucleares e não nucleares. Isso aumenta a

⁹ Foram mísseis dessa classe que levaram Moscou e Washington duas vezes à beira de uma guerra nuclear em 1962 (crise do Caribe) e em 1983 (“euro-mísseis”).

¹⁰ 26 mísseis de cruzeiro “Caliber” foram lançados em direção a base de terroristas na Síria, pela primeira vez em 07 de outubro de 2015 a partir da flotilha do Mar Cáspio, a quase 2 mil km de distância. Fonte: https://www.bbc.com/russian/russia/2015/10/151008_russia_syria_cruise_missiles_analysis
Acesso em 02/05/2021.

ameaça de escalada nuclear de um conflito militar convencional e também torna praticamente impossível o cálculo do equilíbrio estratégico e a seleção de tipos de armas a serem limitados;

2. A formação da “multipolaridade nuclear” como resultado da irreversibilidade do atual nível de proliferação de armas nucleares, bem como a possível acumulação do arsenal nuclear da China. Isso mina a lógica da continuação da limitação bilateral de armas nucleares russo-americanas.

Seria possível distinguir ainda alguns fatores que enfraquecem a estabilidade estratégica e aumentam o perigo de uma guerra entre potências nucleares com maior escalada para o nível nuclear incluindo corrida armamentista:

1. Relaxamento, ou diminuição acentuada entre as elites dos países ocidentais, do nível de competência e do “senso de responsabilidade”. Criou-se um sentimento de que a paz é para sempre. Ou seja, houve enfraquecimento de resistência das sociedades às políticas militaristas;
2. Estratégia de desgaste empreendida pelos EUA contra a Rússia e a China: tentativa de reprodução com a Rússia do “sucesso de Reagan” dos anos 1980; ou seja, infligir derrota geopolítica por meio da ameaça de uma corrida armamentista;
3. Perigo de um confronto militar direto entre a Rússia – EUA, e EUA – China em conflitos regionais com uma nova escalada de guerra convencional atingindo o nível nuclear;
4. Possibilidade de implantação de armas de alta precisão próximo do território da Rússia e da China, capazes de atingir instalações nucleares, em curto tempo de chegada;
5. Uso de armas nucleares por terceiros países uns contra os outros, forçando o esquecimento do “tabu nuclear” e permitindo a proliferação de armas nucleares.

Ao mesmo tempo, existem fatores que fortalecem a estabilidade estratégica e reduzem o perigo de uma guerra deliberada entre potências nucleares e uma corrida armamentista.

Dentre as quais apontam:

1. A aquisição de armas ultra modernas pela Rússia, de caráter único (com capacidade de infligir danos politicamente inaceitáveis aos Estados Unidos);
2. Parceria estratégica entre a Rússia e a China, um alto nível de confiança e a ausência de um jogo de soma zero entre elas (nesse caso, o possível aumento no arsenal nuclear da RPC não representaria uma ameaça militar imediata para a Rússia);
3. Ausência de qualquer aspiração, pelas elites políticas ocidentais, de desencadear uma guerra com outras grandes potências.

Assim, vê-se que tais fatores indicam um baixo nível de ameaça de uma guerra deliberada, especialmente nuclear, entre potências nucleares. Mas, por outro lado, indicam o aumento significativo do perigo de um conflito militar não intencional, bem como a probabilidade de sua escalada ao nível de uma guerra nuclear global. Constatam-se que o estado geral de estabilidade estratégica tornou-se muito mais complexo e menos administrável, mais suscetível a todos os tipos de acidentes e influências de fatores não nucleares e de países terceiros.

Faz-se interessante o ponto de vista de outro analista russo, Bobrov (2019) que chama a atenção para uma série de características semelhantes entre o cenário atual e o momento bipolar do sistema internacional, tais como: 1. Ausência de um conflito militar direto; 2. Domínio da Rússia e dos Estados Unidos no campo nuclear; 3. Atmosfera de desconfiança mútua; 4. Prática e uso de sanções econômicas e políticas; 5. Caráter total de confronto; 6. Cooperação bilateral limitada; 7. Antagonismo geral das estratégias de política externa da Rússia e dos Estados Unidos (posições diretamente opostas em todo o espectro de questões da agenda atual, comércio mundial, problemas regionais e etc.).

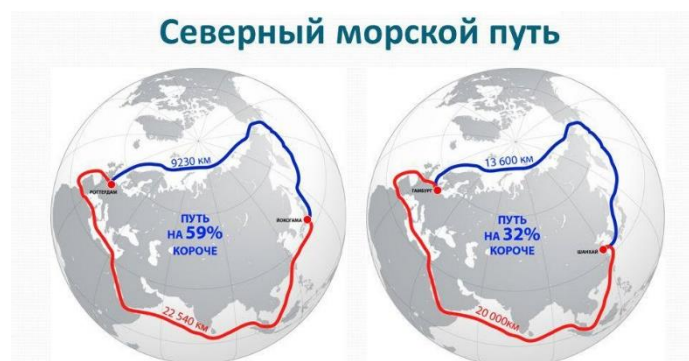
Uma importante arena da Guerra Fria 2.0 é a região do Oceano Ártico, onde países como Canadá, Suécia, Islândia, Noruega e EUA expressam algum tipo de preocupação e

buscam desenvolver projetos para exploração e ocupação dessa extensa faixa territorial inabitável (Blunden, 2009; Forsyth, 2018). Entretanto, nenhum outro país como a Rússia investe tanta energia e recursos, historicamente, para desenvolver a navegabilidade no chamado mar do Norte, garantir sua presença na região e aproveitar economicamente os recursos ali dispostos. Segundo Silva (2019) desde que foi ampliado e verificado o potencial energético da região do Ártico, houve uma expansão no leque de atividades do Estado russo, além dos objetivos estritamente militares. Ou seja, passaram a considerar também esforços de estímulo à atividade econômica e construção de infraestrutura na região (exemplo a maior base militar russa na chamada “Terra de Francisco José”, um arquipélago polar russo, entre o Mar de Barents, a sul, e o Oceano Glacial Ártico, a norte). Sobre as múltiplas espacialidades que influenciam as questões geopolíticas na região, Silva (2019) comenta que:

Analisando especificamente o caso russo, vê-se que há uma conexão entre os movimentos na região e os objetivos estratégicos da Rússia em outros cenários, fato especialmente evidenciado pela estratégia russa até 2020. A busca pela capacidade de aproveitamento dos recursos e da maior navegabilidade da Rota Norte, ainda que tenham impactos primordialmente econômicos, também estão conectados com objetivos políticos – em especial a capacidade de atuar na região e sustentar os pleitos da Federação Russa de extensão de sua Zona Econômica Exclusiva (Silva, 2019, p.70).

Entretanto, a partir de 2014, com o início das sanções econômicas contra a Rússia, a rivalidade militar entre a OTAN e a Rússia ganhou novas projeções. Tal pressão geopolítica acelerou a aproximação energética e principalmente político-militar entre a Rússia e a China. O desenvolvimento da estratégia russa para o Ártico ganhou mais peso pela possibilidade da Rota Marítima Norte, que interessa muito aos chineses. Sem dúvida nenhuma esta rota é mais curta do que a rota de Suez, representando grande economia de tempo e combustível, tanto no trajeto entre Xangai e Hamburgo ou entre Yokohama e Roterdã, Assim, analistas russos apontam que a distância entre Xangai e Hamburgo, por exemplo, passaria dos atuais 20 mil km (pelo canal de Suez) para 13.600 km, ou seja, 32% menor (vê-se na Figura 1 abaixo).

Figura 1. Rota marítima do Norte. Projeção de analistas russos de logística marítima.



Fonte: <https://cargotime.ru/analitika/severnyj-morskoy-put/> Acesso em 25/01/2021.

Além disso, a Rússia é o único país no mundo que conta com a sua própria frota de navios quebra-gelo de propulsão nuclear: seu programa para construção de mega navios classe “Líder” foi acelerado, e essas embarcações serão capazes de romper gelo com espessura de até 4 metros, algo inédito ¹¹. Com isso, e considerando a tendência de aquecimento global, a Rússia espera, já a partir de 2024, garantir a navegabilidade pela Rota Marítima do Norte durante 11 meses ao ano. A Rússia poderá garantir, assim, a segurança de seus próprios navios e de seus parceiros ao longo de toda a margem de sua costa norte, e, de certa forma, impor as suas próprias regras e condições de exploração marítima nessa faixa da Rota do Norte. Exultante, o vice-presidente do Conselho de Segurança da Rússia, Dmitry Medvedev declarou que: “A Rússia hoje, como a URSS no passado, é capaz de alcançar os Estados Unidos em termos do nível de ameaças ao seu oponente” ¹², Medvedev expressa esperança que autocontrole e compromisso com o Ocidente sejam possíveis no que tange a questão. Resta saber qual será a reação norte-americana, considerada de pouca assertividade até recentemente (Huebert, 2009).

¹¹ IZVETIA. Disponível em <https://iz.ru/772204/2018-07-30/samyi-moshchnyi-ledokol-v-mire-lider-postroi-at-na-dalнем-vostoke> Acesso em 25/05/2021

¹² RIA NOVOSTI, 23 de abril de 2021. Disponível em: <https://russian.rt.com/world/news/855783-medvedev-ssha-otnosheniya> Acesso em 02/05/2021.

Conclusão

De acordo com fontes de imprensa, os Estados Unidos pretendem aumentar seu agrupamento de tropas no Leste Europeu. Inclusive tal intenção foi confirmada pelo então chefe do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, Mark Esper¹³. Segundo o mesmo, as unidades do exército americano serão deslocadas “mais próximo das fronteiras da Rússia com o propósito de contê-la”. Em particular, fala-se em emprego de parte do contingente, estacionado atualmente na Alemanha. Segundo especialistas, essas medidas demonstram que os Estados Unidos não planejaram, de fato, manter a promessa concedida então ao presidente soviético Mikhail Gorbachev sobre a imutabilidade e a improvável aproximação das tropas da OTAN às fronteiras da URSS, após o fim da Guerra Fria. Atualmente, tal movimentação faz elevar a pressão sobre o sistema de segurança nacional da Rússia e demonstra mais um indício da Guerra Fria 2.0.

Faz-se importante apontar que a Rússia lidera blocos que pretendem um posicionamento alternativo no cenário internacional. Todas as estruturas e mecanismos criados nos últimos 20 anos, encabeçados por Rússia e China, incluindo as estruturas financeiras e de investimento (Banco BRICS, Banco Chinês de Desenvolvimento, novas plataformas de transferência de pagamentos entre bancos, intercâmbio com pagamento e garantia de moedas nacionais) sugerem a nova “cara” da Guerra Fria, com novos integrantes e vetores múltiplos de ação e influência. O que houve de fato foi uma multiplicação das bases e plataformas geopolíticas de atuação, incluindo todos os continentes e países relevantes.

Assim, pode-se debater a possibilidade efetiva de uma guerra hegemônica entre grandes potências e seus aliados, ao passo que o destino da hegemonia dos EUA parece estar, a princípio, selado. O mundo caminha para uma vitrine de múltiplos blocos de atores geopolíticos de grande peso. Esse parece ser o novo cenário para uma nova Guerra Fria.

¹³ <https://russian.rt.com/world/article/772199-nato-rasshirenie-voiska-obeschaniya> Acesso em 02/05/2021

Bibliografia

ACTON, J. M. Russia and Strategic Conventional Weapons: Concerns and Responses. *The Nonproliferation Review*, v. 22, n. 2, p. 141-154, 2015.

ALIMOV, R. The Shanghai Cooperation Organisation: Its role and place in the development of Eurasia. *Journal of Eurasian Studies*, v. 9, n. 2, p. 114-124, 2018.

ARRIGHI, G. The World Economy and the Cold War, 1970-1990. In: LEFFER, M.; WESTAD, O. (org). *The Cambridge History of Cold War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 23-45.

AVERRE, D.; DAVIES, L. Russia, humanitarian intervention and the Responsibility to Protect: the case of Syria. *International Affairs*, v. 91, n. 4, p. 813-834, 2015.

BANDEIRA, L. A. M. *A Desordem Mundial: o espectro da total dominação*. 5a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BANDEIRA, L. A. M. *A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BERGER, M. How the Molotov Plan Works. *The Antioch Review*, v. 8, n. 1, p. 17-25, 1948.

BLUNDEN, M. The new problem of Arctic stability. *Survival*, v. 51, n. 5, p. 121-142, 2009.

BOBROV, A. Сравнительный Анализ внешнеполитических стратегий России и США (2016-2019 гг.) в контексте дискуссий о новой холодной войне (Análise comparativa das estratégias de política externa da Rússia e EUA (2016-2019) no contexto das discussões sobre uma nova guerra fria). *Jurnali RAN. CSHA i Kanada, Ekonomika, Politika, Kultura*. V. 49, n. 9, p. 37-52, 2019.

BRICK, E. Base logística de Defesa: conceituação, composição e dinâmica de funcionamento. *Anais do V Encontro da Associação Brasileira de Estudos da Defesa*, 2011.

BRZEZINSKI, Z. *Out of Control: Global Turmoil on the Eve of the 21st Century*. Nova York: Collier, 1993.

CHARAP, S. Russia, Syria and the doctrine of intervention. *Survival*, v. 55, n. 1, p. 35-41, 2013.

DESAI, P. Russian retrospectives on reforms from Yeltsin to Putin. *Journal of Economic Perspectives*, v. 19, n. 1, p. 87-106, 2005.

DOLMAN, E. *Astropolitik: Classical Geopolitics in the Space Age*. Londres, Frank Cass, 2002.

FORSYTH, M. Why Alaska and the Arctic are Critical to the National Security of the United States. *Military Review*, v. 98, n. 1, p. 2-8, 2018.

GAMBLE, A. Two Faces of Neoliberalism. In: ROBISON, R. (org). *The Neoliberal Revolution: forging the market state*. Londres: Palgrave, 2006, p.20-35.

GESSEN, M. *The future is history: How totalitarianism reclaimed Russia*. Londres: Granta Books, 2017;

GONTIJO, C. *A Nova crise da Hegemonia Americana*. Curitiba: Appris, 2020.

GRACHEV, A. *Gorbachev's gamble: Soviet foreign policy and the end of the Cold War*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 2018.

HALL, G. *Authority, Ascendancy, and Supremacy: China, Russia, and the United States' Pursuit of Relevancy and Power*. Nova Iorque: Routledge, 2013.

HANSEN, F. Framing yourself into a corner: Russia, Crimea, and the minimal action space. *European Security*, v. 24, n. 1, p. 141-158, 2015.

HENDRICKSON, D. The Curious Case of American Hegemony Imperial Aspirations and National Decline. *World Policy Journal*, v. 22, n. 2, p. 1-22, 2005.

HOFFMAN, D. *The Dead Hand: The untold story of the Cold War arms race and its dangerous legacy*. Nova Iorque: Doubleday, 2009.

HUEBERT, R. United States arctic policy: the reluctant arctic power. *The School of Public Policy—University of Calgary Publications Series*, v. 2, n.2, 2009.

KARAGANOV, S.; SUSLOV, D. *Новой понимание и пути укрепления многосторонней стратегической стабильности* (Novo entendimento e caminhos para o fortalecimento da estratégia policêntrica de estabilidade). Escola Superior de Economia. Universidade Nacional de Pesquisas. Moscou, 2019.

McNABB, D. E. *Vladimir Putin and Russia's imperial revival*. Londres: Routledge, 2017.

MORKOVKIN, A. Как СССР выводил войска из Восточной Европы (Como a URSS retirou suas tropas da Europa Oriental). *Russia Beyond*, 22 de abril de 2020. Disponível em <<https://ru.rbth.com/read/830-soviet-troops-withdrawal>>. Acesso em 08/02/2021.

NARINSKIY, M. Gorbachev, Mitterrand, and the reunification of Germany: The end of the Cold War. *Guerres mondiales et conflits contemporains*, v. 2, p. 27-56, 2015.

NIKITINA, Y. The Collective Security Treaty Organization Through the Looking Glass. *Problems of Post-Communism*, v. 59, n. 3, p. 41-52, 2012.

PARTIDO LIBERAL DEMOCRATA RUSSO. *Вывод советских войск из Восточной Европы был ошибкой: Лидер ЛДПР Владимир Жириновский рассказал, почему решение СССР о выводе советских войск из Восточной Европы было ошибочным* (A retirada das tropas soviéticas da Europa Oriental foi um erro: líder do PLDR Vladimir Zhirinovsky explica por que a decisão de retirar as tropas soviéticas da Europa Oriental foi um erro). 2019. Disponível em <<https://ldpr.ru/event/19851>>. Acessado em 08 de Fevereiro de 2021.

PIFER, S. *The Eagle and the Trident: US-Ukraine Relations in Turbulent Times*. Washington, Brookings Institution Press, 2017.

ROGOV, S. Новая Холодная Война: Последствия для Российского Общества (Nova Guerra Fria: Consequências para a sociedade russa). *Vestnik RAN*, v.90, n.3. p.279-292, 2020.

SARGENT, D. The Cold War and the international political economy in the 1970s. *Cold War History*, v. 13, n. 3, p. 393-425, 2013.

SAROTTE, M. E. Not one inch eastward? Bush, Baker, Kohl, Genscher, Gorbachev, and the origin of Russian resentment toward NATO enlargement in February 1990. *Diplomatic History*, v. 34, n. 1, p. 119-140, 2010.

SCHLESINGER, A. Origins of the Cold War. *Foreign Affairs*, v. 46, n. 1, p. 22-52, 1967.

SEGRILLO, A. *O Declínio da URSS: um estudo das causas*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

SERRANO, F.; MAZAT, N. A potência vulnerável: padrões de investimento e mudança estrutural da União Soviética à Federação Russa In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org). *Padrões de desenvolvimento econômico (1950–2008): América Latina, Ásia e Rússia*, volume 2. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2013, p. 755-892.

SHUBIN, A. *Парадоксы Перестройки. Потерянный шанс СССР*. (Paradoxos da Perestroika: as chances perdidas da URSS). Moscou: Veche, 2005.

SILVA, P. *Para uma Geopolítica do Ártico: Os desafios da estratégia russa diante de um Ártico em transformação*. Dissertação de Mestrado em Economia Política Internacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

STIGLITZ, J. *Os exuberantes anos 90*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003..

STUENKEL, O. *The BRICS and the future of global order*. Lanham: Lexington Books, 2020.

TAVARES, M. C.. A Retomada da Hegemonia norte-americana. In; TAVARES, M. C.; FIORI, J. L. (org). *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*, Petrópolis, Vozes, 1998, p. 27-55.

TRUMAN, H. *Address before a Joint Session of Congress: President Harry S. Truman, March 12, 1947*. Disponível em <<https://www.thirteen.org/wnet/historyofus/web13/features/source/docs/C07.pdf>>. Acessado em 06 de Junho de 2021.

VINOKUROV, E. Eurasian Economic Union: Current state and preliminary results. *Russian Journal of Economics*, v. 3, n. 1, p. 54-70, 2017.

WALLERSTEIN, I. The Eagle has crash landed. *Foreign Policy*, 11 de Novembro de 2009. Disponível em <<https://foreignpolicy.com/2009/11/11/the-eagle-has-crash-landed/>>. Acessado em 09 de Junho de 2021.